

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

# KEVIN MURPHY

*Greves no início do período soviético, de 1922 a 1932:  
da militância à passividade da classe operária?*

Tradução Gabriela Baptista



*Greves no início do período soviético, de 1922 a 1932:  
da militância à passividade da classe operária?*

2020 © Kevin Murphy  
COLEÇÃO  
PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS  
COORDENAÇÃO EDITORIAL  
Laura Erber  
EDITORA  
Laura Erber  
TRADUÇÃO  
Gabriela Baptista  
PREPARAÇÃO DE TEXTO  
Angela Vianna  
REVISÃO DE TEXTO  
Maria Cecilia Andreo  
DESIGN GRÁFICO  
Maria Cristaldi

Bibliotek.dk  
Dansk bogfortegnelse-Dinamarca  
ISBN 978-87-93530-45-4

Zazie Edições  
[www.zazie.com.br](http://www.zazie.com.br)

PEQUENA BIBLIOTECA DE ENSAIOS

# KEVIN MURPHY

*Greves no início do período soviético, de 1922 a 1932:  
da militância à passividade da classe operária?*

Tradução Gabriela Baptista

ZAZIE EDIÇÕES



*Greves no início do período soviético, de 1922 a 1932:  
da militância à passividade da classe operária?*<sup>1</sup>

A relação entre o regime soviético e a classe operária tem estado há tempos no centro da controvérsia sobre a natureza do sistema soviético e a ascensão do stalinismo. A dinâmica da atividade grevista diz muito sobre essa relação. Dado que o regime soviético alegava governar em nome dos interesses do proletariado, por que alguns trabalhadores entravam em greve, e como o Estado reagia? Até pouco tempo atrás, era quase impossível dar respostas definitivas mesmo para as perguntas mais básicas sobre as greves no início do período soviético. O acesso aos arquivos da antiga União Soviética e a consulta a

---

<sup>1</sup> Eu gostaria de agradecer aos participantes da Amsterdam Labor History Conference pelos comentários sobre este artigo, em especial a Wendy Goldman e Diane Koenker pelas sugestões feitas por escrito. Também gostaria de agradecer a Julia Gusev por sua ajuda na análise dos relatórios da greve da OGPU e a Aleksei Gusev pelos comentários provocadores sobre a NEP e a classe operária soviética.

fontes publicadas nos ajudam a entender algumas dessas questões e indicam as áreas nas quais são necessárias novas pesquisas.

Este artigo mapeia os contornos gerais das primeiras greves soviéticas. Relatórios da OGPU (polícia secreta), publicados como “*Sovershenno sekretno*”: *Lubianka-Staliny o polozhenii v strane* (1922-1934),<sup>2</sup> proporcionam uma notável e inédita janela para avaliar as paralisações. Mesmo com lacunas nos dados, temos agora informação suficiente para estimar o número de greves no início do período soviético, o grau da participação dos trabalhadores, a duração dos conflitos, os motivos dos trabalhadores, quais trabalhadores estavam mais propensos a entrar em greve em diferentes períodos e como as paralisações foram resolvidas. Examinar os acontecimentos pelo prisma de uma fábrica de importância estratégica, a Serp i Molot, em Moscou, proporciona uma perspectiva de base que não fica discernível em análises quantitativas dos dados mencionados.<sup>3</sup> Investigo aqui a atividade grevista em quatro períodos relativamente distintos: o renascimento da militância trabalhista após a Guerra Civil, a formação de um “contrato social” em meados da vigência da Nova Política Econômica (NEP), a crescente pressão sobre esse contrato no período posterior à NEP e a

---

<sup>2</sup> “Ultra-confidencial”: Lubianka para Stálin sobre o estado da nação. [N. T.]

<sup>3</sup> Kevin Murphy. *Revolution and Counterrevolution: Class Struggle in a Moscow Metal Factory*. Chicago: Haymarker Books, 2007.

atividade grevista bastante reduzida, mas com maior peso político, durante o Primeiro Plano Quinquenal, entre 1928 e 1932.

O nível geral da atividade grevista no Império Russo e na União Soviética nos primeiros trinta anos do século XX é hoje bem estabelecido. Embora ainda faltem alguns totais agregados, em especial para o período da Guerra Civil, a tendência geral é clara. Não surpreende que os picos de ações de greve estejam diretamente relacionados aos movimentos revolucionários de 1905 e 1917. Também vale ressaltar que os trabalhadores russos tiveram uma impressionante tendência a se engajar em greves políticas – 32 ciclos – entre o Massacre do Lena em 1912 e o ano de 1917. Apesar dos muitos militantes presos pela Okhrana (polícia secreta do czar) depois de cada ciclo de greves – uma ordem de grandeza maior do que o número de prisões realizadas pelo Estado soviético durante a NEP –, o crescente movimento da classe operária só foi interrompido por um breve período pelo início da guerra.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Por exemplo, sobre a repressão da Okhrana na região de Moscou entre 1912 e 1916, ver *State Archive of the Russian Federation, Moscow* (Gosudarstvennyi arkhiv Rossiiskoi federatsii, aqui designado GARF), f. 63, op. 33-36.

<b>Tabela 1.</b>		Atividade grevista no Império Russo e na União Soviética, 1901-1929		
	Greves	Grevistas	Média de trabalhadores por greve	Dias de trabalho perdidos
1901	164	32.218	196	110.193
1902	123	36.671	298	128.200
1903	550	86.832	158	444.919
1904	68	24.904	366	182.412
1905	13.995	2.863.173	205	23.609.387
1906	6.114	1.108.406	181	5.500.562
1907	3.573	740.074	207	2.431.527
1908	892	176.101	197	864.666
1909	340	64.160	189	417.768
1910	222	36.623	165	256.385
1911	466	105.110	226	791.053
1912	2.032	750.491	357	2.378.057
1913	2.404	887.096	369	3.482.610
1914	3.534	1.337.458	378	5.755.072
jan.-jul.	3.493	1.327.897	380	5.662.325
ago.-dez.	41	9.561	233	259.049
1915	928	539.528	581	1.863.392
1916	1.161	878.347	757	3.368.617
1917*	4.307	2.203.846	512	N/A
1918	N/A	N/A	N/A	N/A
1919	N/A	N/A	N/A	N/A
1920	146	135.442	928	N/A
1921**	170	86.269	507	N/A
1922	538	197.022	366	N/A
1923	434	168.864	380	N/A
1924	300	N/A	N/A	N/A
1925	434	73.243	169	91.517
1926	843	106.044	126	143.730
1927	905	80.784	89	N/A
1928	842	93.835	111	134.875
1929	735	65.443	89	95.424

\* Dez meses (de janeiro a outubro). \*\* Seis meses (de julho a dezembro).

**Fontes:** Ver as seguintes fontes para números de 1901 a 1916: Leopold Haimson e Eric Brian. “Labor Unrest in Imperial Russia”. In Haimson *et alii* (orgs.). *Strikes, Social Conflict and the First World War*. Milão: Feltrineli, 1992, p. 445. Número para 1917 (janeiro a outubro): Diane Koenker e William Rosenberg. *Strikes and Revolution in Russia, 1971*. Princeton: Princeton University Press, 2014, p. 69-70. Números de 1920 a 1922: Johnatan Aves. *Workers against Lenin*. Londres: I.B. Tauris, 1996, p. 69, 183 e 184. Números para 1923: A. J. Andreev. “Les Conflits du travail en Russie pendant le ‘communisme de guerre’ et la NEP”. *Le Mouvement Social*, nº 196, 2001-2002, p. 47. Números para 1924-1926, 1928-1929: “*Sovershenno sekretno*”, vol. III, p. 112; vol. IV, p. 1026-1028; vol. VI, p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603 e 670; vol. VII, p. 85, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564 e 603. Números para 1927: Arquivo Estatal Russo de História Sociopolítica, Moscou (Rossiiskii gosudarstvennyi arkhiv sotsial’no-politicheskoi istorii, aqui designado RGASPI), f. 17, op. 85, d. 311, l. 7.

Informações incompletas sobre as greves no período da Guerra Civil dificultam a avaliação. O que é certo é que houve uma significativa onda de greves no início de 1921, mas prossegue a controvérsia sobre o escopo, as causas, o papel dos partidos de oposição e o grau de coerência política da revolta trabalhista.<sup>5</sup> Infelizmente, ainda não foram publicados dados semelhantes sobre greves por toda a União Soviética em 1921.

Com base na série “Sovershenno Sekretno”, sabemos que em 1922 a atividade grevista já tinha um teor político muito menor, porque quase todas as greves foram motivadas por questões econômicas. É possível reconhecer vários outros atributos das ações de greve no início da NEP. Primeiro, o número relativamente alto de participantes por paralisação (366 em 1922 e 380 em 1923) contrasta com as ações do período posterior à NEP e mostra que muitas greves extrapolavam os limites de uma única fábrica. Segundo,

---

<sup>5</sup> Jonathan Aves, em sua pesquisa pré-arquivística, alega que a agitação industrial “disseminada por um pequeno número de ativistas e por boatos abarcou a maioria das regiões industrializadas do país”, mas seu estudo omite dados estatísticos da primeira metade de 1921 (*Workers Against Lenin, op. cit.*, p. 111). Sergei Iarov, em seu estudo arquivístico, argumenta que o início de 1921 testemunhou “o protesto social mais potente em Petrogrado desde os acontecimentos de fevereiro de 1917 (*Gorozhanin kak politik*, D-B, 1999, p. 74). O trabalho arquivístico de Simon Pirani sobre a onda de greves de Moscou, intitulado “Class Clashes with Party”, mostra que, embora os socialistas revolucionários, os mencheviques e os anarquistas tenham participado das paralisações, o papel que desempenharam e o aspecto político do movimento foram exagerados por historiadores tanto ocidentais quanto soviéticos (*Historical Materialism*, vol. 11, n. 2, 2003).

embora as questões salariais fossem sempre a principal razão para que os trabalhadores soviéticos se engajassem em ações coletivas, metade das greves em 1923 e 40% em 1924 foram causadas especificamente por pagamentos atrasados. Dado o rápido crescimento da inflação antes da estabilização da moeda em 1924 (funcionários da Serp i Molot recebiam milhões de rublos), é compreensível que os trabalhadores priorizassem reclamações contra o atraso no recebimento dos salários.<sup>6</sup> Terceiro, embora a militância tradicional dos metalúrgicos tenha persistido no início da NEP, a diferenciação segundo a indústria das paralisações manteve-se bastante uniforme. Das trezentas greves realizadas em 1924, oitenta foram organizadas por metalúrgicos, 44 por trabalhadores da indústria têxtil, 36 por mineiros, 21 por trabalhadores da indústria química e 21 por estivadores.<sup>7</sup> Quarto, um número desproporcional de greves do início da NEP aconteceu em Moscou. Relatórios feitos para o Soviete de Moscou em 1923 mostram uma atividade grevista quase incessante na capital, com paralisações se espalhando de oficina em oficina e de fábrica em fábrica.<sup>8</sup> Nos últimos cinco meses de 1923, 51 das 217 (23,5%) greves soviéticas registradas aconteceram na

---

<sup>6</sup> Anúncio de fábrica, 1º de abril de 1922, Arquivo Central do Município de Moscou (Tsentral'nyi munitsipal'nyi arkhiv Moskvyy, aqui designado TsMAM), f. 176, op. 2, d. 102, op. 635.

<sup>7</sup> "Sovershenno sekretno", vol. III, p. 112.

<sup>8</sup> Relatórios para o Soviete de Moscou, 1923, Arquivo Central Estadual do oblast de Moscou' (Tsentral'nyi gosudarstvennyi arkhiv Moskovskoi oblasti, aqui designado TsGAMo), f. 19, op. 1, d. 62.

capital. Relatórios mensais detalhados para Stálin sobre as queixas dos trabalhadores divididos por setor da indústria sugerem que os líderes soviéticos tinham plena consciência das implicações políticas, em especial depois que essa agitação industrial levou à formação da oposição trotskista.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> “*Sovershenno sekretno*”, vol. I, p. 929, 949, 957 e 981. Sobre a formação da oposição trotskista, ver E. H. Carr. *The Interregnum, 1923-1924*. Kingstone: Pelican, 1969, p. 257-370; e Isaac Deustcher. *The Prophet Unarmed, 1921-1929*. Nova York: Verso, 2003, p. 75-163.

**Tabela 2.** Motivos de greves na União Soviética, 1923-1929

	Greves	Grevistas	Média de trabalhadores por greve	Dias de trabalho perdidos
1901	164	32.218	196	110.193
1902	123	36.671	298	128.200
1903	550	86.832	158	444.919
1904	68	24.904	366	182.412
1905	13.995	2.863.173	205	23.609.387
1906	6.114	1.108.406	181	5.500.562
1907	3.573	740.074	207	2.431.527
1908	892	176.101	197	864.666
1909	340	64.160	189	417.768
1910	222	36.623	165	256.385
1911	466	105.110	226	791.053
1912	2.032	750.491	357	2.378.057
1913	2.404	887.096	369	3.482.610
1914	3.534	1.337.458	378	5.755.072
jan.-jul.	3.493	1.327.897	380	5.662.325
ago.-dez.	41	9.561	233	259.049
1915	928	539.528	581	1.863.392
1916	1.161	878.347	757	3.368.617
1917*	4.307	2.203.846	512	N/A
1918	N/A	N/A	N/A	N/A
1919	N/A	N/A	N/A	N/A
1920	146	135.442	928	N/A
1921**	170	86.269	507	N/A
1922	538	197.022	366	N/A
1923	434	168.864	380	N/A
1924	300	N/A	N/A	N/A
1925	434	73.243	169	91.517
1926	843	106.044	126	143.730
1927	905	80.784	89	N/A
1928	842	93.835	111	134.875
1929	735	65.443	89	95.424

\* Dez meses (de janeiro a outubro). \*\* Seis meses (de julho a dezembro).

As greves da Serp i Molot são uma janela para essa renovada agitação na capital soviética no início da NEP. A atividade grevista foi modesta em 1922, com duas greves restritas a duas fábricas, mas em 1923 os trabalhadores já estavam mais exigentes e bem organizados. Uma greve inédita por jornadas de seis horas, em fevereiro de 1923, ilustra a militância trabalhista do início da NEP. Depois que gerentes e representantes do sindicato rejeitaram a reivindicação, funcionários da fábrica de fios convocaram uma reunião e votaram por entrar em greve. Depois que a administração ameaçou substituí-los, foi unânime a decisão de voltar ao trabalho, mas os operários insistiram em que toda a fábrica fosse readmitida e os líderes da greve não fossem penalizados.<sup>10</sup> Em 1923, muitos trabalhadores ainda não haviam se esquecido da força e das táticas de ação coletiva que aprenderam nos anos pré-revolução, e seu alto grau de organização contrastava com um declínio no período mais tardio da NEP.<sup>11</sup> Dois meses depois, três fábricas entraram em greve contra o crescimento das normas de produção e em solidariedade a várias outras manufaturas no distrito. Em uma reunião de representantes eleitos, foram vários os discursos com argumentos a favor de buscar o apoio formal dos sindicatos para a paralisação. Como em muitas greves do início da

---

<sup>10</sup> Formulário de registro de greve do diretor da fábrica para Mashinotrest, 26 de fevereiro de 1923, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 175, op. 1.

<sup>11</sup> Relatório para o Soviete de Moscou, fevereiro de 1923, TsGAMo, f. 19, op. 1, d. 62, ll. 46.

NEP, esta terminou com um acordo em que as normas de produção foram ampliadas, mas não tanto quanto desejava a administração.<sup>12</sup> Outro ciclo de greves começou na primavera de 1924, na fábrica de pregos, de maioria feminina, em que as trabalhadoras exigiam salários mais altos e menos normas de produção; mais uma vez, elas convocaram a própria reunião. “As grevistas não permitiram que ninguém da administração, do comitê da fábrica, da célula ou mesmo trabalhadores de outras fábricas entrassem na reunião.” A paralisação se espalhou então para a fábrica de fios, e um relatório para o Soviete de Moscou observava que, na fábrica, “as paralisações em um setor e depois em outro parecem crônicas”.<sup>13</sup>

Como as greves eram resolvidas no início da NEP? Os relatórios da OGPU de 1922 a 1928 mencionam apenas seis incidentes nos quais as autoridades prenderam trabalhadores grevistas, e cinco outras greves nas quais usaram ou ameaçaram usar a força.<sup>14</sup> Certamente faltam alguns relatórios sobre a prisão de grevistas<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> Reunião na fábrica de fios, 1º de março de 1923, TsMAM, f. 176, op. 1, d. 137, ll 7.

<sup>13</sup> Relatório para a Soviete de Moscou, abril de 1924, TsGAMo, f. 66, op. 22, d. 87. Op. 45.

<sup>14</sup> “*Sovershenno sekretno*”, vol. I, p. 274, 771, 890 e 933; 841 e 843; vol. V, p. 557.

<sup>15</sup> Por exemplo, os relatórios da OGPU não mencionam a deportação de 92 grevistas em Lenigrado em julho de 1923 ou a prisão do comitê de greve dos estivadores de Leningrado em agosto de 1924. Ver Iu. Cherniaev *et al.* (orgs.). *Piterskie rabochie i ‘diktatura proletariata’, oktiabr’ 1917-1929: ekonomicheskie konflikty, politicheskii protest*. São Petersburgo: Blits, 2000, p. 315 e 328.

pelas autoridades, mas é improvável que agentes da OGPU tenham escondido essa informação dos membros do Comitê Central, embora sejam necessárias novas pesquisas sobre essa questão.<sup>16</sup> Acontecimentos na fábrica Serp i Molot e dados mais detalhados sobre o período posterior à NEP mostram que a maioria das greves foi resolvida por meio de entendimento e conciliação, e não de repressão por parte da gerência. Um relatório de agosto de 1923 sobre a resolução de 47 greves menciona um dos seis incidentes ocorridos durante a NEP nos quais grevistas foram presos (em Teykovo), mas 17 greves terminaram com o atendimento das demandas dos trabalhadores, dez foram esclarecidas e três resultaram no retorno às condições anteriores de trabalho. A resolução das outras não está clara.<sup>17</sup>

A característica mais evidente da atividade grevista em meados da NEP é a brusca queda no número de participantes, que passou de 197.022 em 1922 para 73.243 em 1925. Essa diminuição é ainda mais substancial quando consideramos que a classe operária soviética cresceu de forma constante durante a NEP, de cerca de 1,3 milhão em 1921 para 2,79 milhões (aproximadamente o número do período pré-guerra) em 1926 e 3,77 milhões em 1928. A tendência dos

---

<sup>16</sup> Aleksei Gusev argumenta que subestimamos o quanto a repressão do Estado serviu para conter a atividade grevista dos trabalhadores. Concordamos em colaborar em um estudo de longo prazo sobre a atividade grevista na União Soviética de 1921 a 1934.

<sup>17</sup> “*Sovershenno sekretno*”, vol. III, p. 890.

trabalhadores soviéticos a entrar em greve caiu de forma regular (ver Tabela 3).

**Tabela 3.** Tendência dos trabalhadores russos e soviéticos a entrar em greve

1. Número de trabalhadores empregados em grandes empreendimentos industriais
2. Média de participantes por greve por mês
3. Porcentagem de participantes de greves por mês

	1.	2.	3.
1913	2,44 milhões	73.925	3,03%
1917 (dados para dez meses, jan.-out.)	2,89 milhões	220.385	7,63%
1921 (dados para seis meses, jul.-dez.)	1,30 milhão	14.378	1,11%
1926	2,79 milhões	8.837	0,32%
1928	3,96 milhões	7.820	0,20%

**Fontes:** Os dados sobre o número de operários em grande empreendimentos são de R. W. Davies *et alli.* (orgs.). *The Economic Transformation of the Sovietic Union, 1913-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 278, 282 e 319. Essas taxas de emprego não incluem trabalhadores nas indústrias de transporte, comunicação, madeira ou construção, apesar de terem ocorrido algumas greves nesses setores. Ver as seguintes fontes sobre dados de greve para 1913: Haimson e Brian. “Labor Unrest in Imperial Russia”. In Haimson *et alii.* *Strikes, Social Conflict and the First World War, op. cit.*, p. 445; dados sobre greves em 1917: Koenker e Rosenberg. *Strikes and Revolution in Russia, op. cit.*, p. 69-70; dados sobre greves em 1921: Aves. *Workers Against Lenin, op. cit.*, p. 183; dados sobre greves em 1926 e 1928: “*Sovershenno sekretno*”, vol. IV, p. 1027; vol. VI, p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603 e 670; vol. VII, p. 85.

O que explica esse declínio na tendência dos trabalhadores a se engajarem em atividade grevista? Alguns historiadores continuam a afirmar que a repressão do Estado contra a classe operária soviética diminuiu o número de greves, mas apresentam poucas provas.<sup>18</sup> E. H. Carr e R. W. Davies aventaram um argumento mais convincente e institucional, com ênfase no uso de acordos coletivos e órgãos de arbitragem para evitar as greves. As Comissões de Resolução de Conflitos (RKK, na sigla em russo) trataram de mais de 8 mil disputas envolvendo mais de 7 milhões de trabalhadores nos três últimos anos fiscais da NEP, com questões não resolvidas encaminhadas para arbitragem.

---

<sup>18</sup> Vladimir Brovkin afirma que, ao longo da NEP, os bolcheviques “encamparam uma dura política contra os trabalhadores”, mas sua impressionante pesquisa arquivística revelou apenas dois casos em que as autoridades prenderam trabalhadores (*Russia After Lenin*. Nova York: Routledge, 1998, p. 173-189). Na mesma linha, Diane Koenker argumenta que, “embora os trabalhadores pudessem se engajar em ‘paralisações’, em 1921 uma ‘greve’ já era um ato político grave, devidamente punido”, e afirma que o socialismo que surgiu da Guerra Civil “dependia do poder dos órgãos de Estado – a Tcheka e os campos de concentração – para garantir a adesão às políticas e metas centralmente definidas” (“Labor Relations in Socialist Russia”. Washington D.C.: National Council for Soviet and East European Research, 1999, p. 192). Andrew Pospelovsky observa que depois de 1922 foram raros os relatos de trabalhadores presos, mas sugere que “é provável que os principais organizadores no chão de fábrica tenham sido presos em batidas policiais em busca de elementos ‘antissoviéticos’: socialistas revolucionários, mencheviques e ‘membros’ de outros partidos políticos” (“Strikes during the NEP”, *Revolutionary Russia*, vol. 10, nº 1, 1997). Na mesma linha, R. W. Davies e J. D. Barber afirmam que, em meados dos anos 1920, “os trabalhadores haviam perdido o direito de entrar em greve pelo qual tanto batalharam, e as punições aos grevistas já eram mais severas que antes da Revolução” (“Employment in Industrial Labor”. In Davies *et alli.*, *The Economic Transformation, op. cit.*, p. 94).

Mas Carr e Davies também reconhecem o recuo de longo prazo dos sindicatos nesse arranjo industrial. A partir de 1925, “o destino do trabalhador estava sujeito ao frágil consenso” entre gerentes vermelhos e da Vesenkha, de um lado, ansiosos por aumentar a eficiência da indústria e diminuir custos, e, de outro, os sindicatos, ainda preocupados com “o bem-estar e os interesses materiais imediatos dos trabalhadores”.<sup>19</sup>

A limitada ação grevista dos trabalhadores da Serp i Molot se alinha a essa noção de “frágil consenso” durante a NEP. Não há relatos de outras greves na fábrica depois da agitação no início de 1924, e em 1925 ocorreu apenas uma. Considerando tanto a persistência das queixas econômicas quanto a ausência de qualquer indício de repressão estatal, essa evidente interrupção do ativismo trabalhista pode ser explicada pelo sucesso do Estado em cooptar as queixas trabalhistas por meio dos canais oficiais dos sindicatos. Acordos coletivos anuais entre o sindicato dos metalúrgicos e a administração resolveram questões salariais, mas outras disputas entre o comitê da fábrica e a gerência foram tratadas pela RKK. Um representante da RKK explicou que vários conflitos com o comitê da fábrica não foram resolvidos, então, “foi necessário criar uma comissão oficial composta por representan-

---

<sup>19</sup> E. H. Carr e R. W. Davies. *Foundations of a Planned Economy*, vol. I. Nova York: Macmillan, 1999, p. 601. Os números para 1925 e 1926 são: 2.426 disputas envolvendo 3,2 milhões de trabalhadores; para 1926 e 1927: 3.155 disputas envolvendo 2,46 milhões de trabalhadores; 1927 e 1928: 2.661 disputas envolvendo 1,87 milhão de trabalhadores.

tes dos trabalhadores e da gerência em condições de paridade”.<sup>20</sup> “Em sessões semanais, eram discutidas reivindicações individuais e coletivas dos trabalhadores, inclusive solicitações de uniformes, questões de pagamento, reclamações sobre transferências injustas, designações de categoria salarial consideradas incorretas e até demandas para encurtar a jornada de trabalho. Ao longo de 18 meses, entre 1924 e 1925, a RKK lidou com casos envolvendo o impressionante número de 13.122 trabalhadores. A comissão foi a favor de 8.529 trabalhadores (65%) e contra 3.918 (29,86%), os casos restantes, envolvendo 675 trabalhadores (5,14%), ficaram não resolvidos ou foram encaminhados para arbitragem em níveis mais altos. A influência do baixo escalão na RKK é ilustrada por dois relatórios de comitês de fábrica de 1925. O primeiro relatório sobre o trabalho da RKK, publicado em maio, detalhou 220 conflitos a mais que nos seis meses anteriores, envolvendo 5.066 trabalhadores. A RKK ficou a favor dos trabalhadores em 46% dos casos e contra em 51%. Um relatório revisado incluiu outros 66 conflitos, todos decididos a favor dos trabalhadores. O novo total mostrou que uma pequena maioria (50,06%) dos 5.463 trabalhadores afetados obteve resoluções favoráveis.”<sup>21</sup> Como mos-

---

<sup>20</sup> Dimitriev memoir, GARF, f. 7952, op. 3, d. 255, ll. 7.

<sup>21</sup> Ver as seguintes fontes sobre reuniões de fábrica da RKK, 1924: TsGAMo, f. 186, op. 1, d. 950, ll. 63-99; para relatórios de comitês de fábrica, 1924, 1925: TsGAMo, f. 186, op. 2, d. 216, ll. 5-6; d. 220, ll. 15; para relatórios de comitês de fábrica, 1925: TsGAMo, f. 186, op. 2, d. 254, ll. 7.

traram Andreev, Bordkin e Kirianov, outros órgãos de arbitragem e de conciliação em Moscou lidaram com centenas de conflitos, envolvendo mais de 200 mil trabalhadores, tanto em 1923 quanto em 1924.<sup>22</sup>

Os operários da indústria têxtil, que recebiam relativamente menos, parecem ter sido uma exceção a esse contrato social de meados da vigência da NEP. Eles entraram em greve 92 vezes ao longo de 1925 (ver Tabela 5), e os 33.167 participantes representavam impressionantes 45,3% de todos os grevistas naquele ano. A pesquisa de Chris Ward sobre trabalhadores do setor do algodão durante a NEP explica que a onda de greves foi uma reação militante aos esforços do Estado para intensificar o processo de trabalho. Esses operários demonstraram um alto nível de organização, elegendo comitês de greve, muitos dos quais surgiram de comitês de fábrica que haviam sido tomados por militantes.<sup>23</sup> Não por coincidência, onde havia mais críticas aos sindicatos, entre operadores da indústria têxtil de Ivanovo, os trabalhadores preferiram construir novas redes independentes e continuaram a entrar em greve em 1925 e 1926<sup>24</sup> – e mantiveram essa tradição de militância na vigência do Primeiro Plano Quinquenal.

---

<sup>22</sup> Andreev *et al.* “Les Conflits du travail”, *op. cit.*, p. 52.

<sup>23</sup> Chris Ward. *Russia's Cotton Workers and the New Economic Policy*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 176-80.

<sup>24</sup> “*Sovershenno sekretno*”, vol. III, p. 253, 285-288, 311-313, 456-458, 520, 531, 605, 607, 652, 655, 668-671, 708, 711 e 729-731; vol. IV, p. 52-54, 63, 261, 310-311, 402-404, 499, 558, 570, 734-735, 747, 836 e 943.

Os acordos coletivos, a RKK e os outros órgãos de arbitragem proporcionavam certo grau de estabilidade social em meados da NEP, mas esse entendimento entre trabalhadores e o Estado era inerentemente instável. Carr e Davies sugerem que o “frágil consenso” entre o Estado soviético e a classe operária ficou sob crescente pressão com as frequentes campanhas estatais para o corte de gastos no período posterior à NEP. À medida que “o impulso para a industrialização se intensificava, os sindicatos enfrentavam uma batalha já perdida; as necessidades da indústria eram a consideração primordial”, de tal modo que os líderes dos sindicatos “se contentavam em orientar para um recuo ordenado” e salvar o que pudessem ao longo do caminho.<sup>25</sup> Com contratos de sindicato menos favoráveis, alguns trabalhadores organizaram ações de greve. O notável é como essas paralisações foram resolvidas (ver Tabela 4).

Partindo do princípio de que os relatórios de greves da OGPU para Stálin não eram filtrados (com a omissão de dados, por exemplo), a amostragem de 31,7% é suficiente, em termos estatísticos, para se tirar conclusões sobre como as greves foram resolvidas nesse período. É significativo que a repressão em sentido amplo (prisões realizadas pelas autoridades, demissões ou ameaças de demitir trabalhadores) fosse muito menos frequente (9,4%) do que supunham os historiadores. Na maioria dos casos (61,2%), alguns

---

<sup>25</sup> Carr e Davies. *Foundations, op. cit.*, p. 601.

acordos foram feitos com os trabalhadores, com impressionantes 45% de greves resolvidas com concessões da gerência a algumas ou a todas as demandas dos trabalhadores.

Em 1926, os trabalhadores sazonais (*otkhodniki*) despontavam como o setor mais combativo da classe operária soviética. Menos acostumado às regras da negociação industrial, o setor menos estudado dessa classe era o que apresentava maior tendência a entrar em greve. Em 1928, esses trabalhadores já organizavam mais da metade de todas as greves e constituíam mais da metade de todos os grevistas.

A vasta maioria dos trabalhadores, no entanto, continuou a formular queixas nos limites dos canais formais do sindicato, embora encontrassem condições menos favoráveis. Dados da fábrica Serp i Molot ilustram o retrocesso do sindicato no período posterior à NEP e a posição fortalecida da gerência. Os administradores começaram a usar o crescente desemprego como arma disciplinar contra os trabalhadores. Em abril de 1925, foi pronunciado um discurso no comitê do partido em Moscou em defesa de um então recente corte nos salários, com relatos ameaçadores de que o desemprego na cidade havia dobrado para 96 mil nos cinco meses anteriores, e de que havia mais de 7 mil metalúrgicos desempregados. A crise econômica no período mais tardio da NEP fortaleceu a posição do Estado contra a classe operária, mas em abril de 1925 a dissidência aberta ainda estava muito viva no partido, já que pelo menos quatro discursos condena-

ram a proposta de redução salarial. Embora o salário real dos trabalhadores tenha aumentado até atingir, no início de 1925, 94% do que era antes da guerra, os aumentos de 10%, 6% e 6,2% nos últimos três anos da NEP foram, na verdade, ligeiras reduções, já que até o jornal da fábrica reconhecia que a inflação fora de 16% em 1926.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> *Martenovka*, 7 de novembro de 1925, 7 de novembro de 1926, 12 de fevereiro de 1928, 26 de outubro de 1928.

**Tabela 4.** Resolução de greves na União Soviética, 1925-1927

1. Autoridades prenderam trabalhadores
2. Gerência demitiu (ou ameaçou demitir) trabalhadores
3. Intervenção ou arbitragem do sindicato
4. Gerência concordou em reavaliar questões
5. Gerência atendeu a algumas ou a todas as demandas dos trabalhadores
6. Gerência negou as demandas dos trabalhadores
7. Trabalhadores decidiram deixar a fábrica
8. Gerência convenceu os trabalhadores a voltar ao trabalho

	1.	2.	3.	4.	5.	6.	7.	8.
1925 dados sobre 186 de 434 greves	0	27	24	6	88	19	8	14
42.9%	0%	14.5%	12.9%	3.2%	47.3%	10.2%	4.3%	7.5%
1926 dados sobre 292 de 843 greves	4	24	42	21	130	40	10	21
34.6%	14%	8.2%	14.4%	7.2%	44.5%	13.7%	3.4%	7.2%
1927 dados sobre 213 de 905 greves	1	9	11	8	93	61	6	24
23.5%	0.5%	4.2%	5.2%	3.8%	43.7%	28.6%	2.8%	11.3%
1925-1927 dados sobre 691 de 2182 greves	5	60	77	35	311	120	24	59
31.7%	0.7%	8.7%	11.1%	5.1%	45.0%	17.4%	3.5%	8.5%

**Fontes:** “*Sovershenno sekretno*”, vol. III: p. 36-38, 49-56, 120-121, 137-140, 177-181, 194-198, 226-232, 249-255, 285-294, 310-322, 357-361, 375-382, 408-413, 423-429, 455-458, 468-476, 497-503, 516-533, 568-573, 593-608, 651-655, 665-681, 707-712 e 726-742; vol. IV: p. 24-30, 47-63, 90-96, 117-137, 169-175, 191-207, 230-235, 264-270, 308-312, 323-336, 372-377, 392-404, 445-452, 468-483, 526-533, 553-571, 622-629, 646-665, 705-710, 731-747, 803-811, 832-847, 906-912, 938-954, vol. V: p. 22-27, 50-60, 126-135, 159-174, 234-243, 263-273, 309-315, 335-340, 357-363, 380-391, 415-421, 444-450, 485-492, 511-518, 557-564, 585-586, 592-593, 611-612, 637-638, 646-647 e 655-667.

**Tabela 5.** Greves por setor da indústria na União Soviética, 1924-1929

1. Metalúrgicos: greves e participantes
2. Trabalhadores da indústria têxtil: greves e participantes
3. Trabalhadores sazonais: greves e participantes
4. Todos os outros setores: greves e participantes
5. Total

	1.	2.	3.	4.	5.
1924 (dados sobre todas as 300 greves, 100%)	80 (26,7%)	44 (14,7%)	N/A	176 (58,7%)	300 greves
1925 (dados sobre todas as 434 greves, 100%)	113 (26,0%) 10.737 (14,7%)	92 (21,2%) 33.167 (45,3%)	53 (12,2%) 10.269 (14,0%)	176 (40,6%) 19.070 (26,0%)	434 greves 73.243 particip.
...1926 (dados sobre todas as 843 greves, 100%)	175 (20,8%) 20.412 (19,2%)	114 (13,6%) 11.728 (11,1%)	305 (36,2%) 45.483 (42,9%)	249 (29,4%) 28.421 (26,8%)	843 greves 106.044 particip.
1927 (9 meses) (dados sobre 737 de 905 greves, 81,4%; e 63.781 de 80.784 participantes 79,0%)	110 (14,9%) 13.090 (20,5%)	123 (16,7%) 10.926 (17,1%)	290 (39,3%) 26.851 (42,1%)	214 (29,0%) 12.914 (20,2%)	905 greves 80.787 particip.
1928 (dados sobre todas as 842 greves, 100%)	116 (13,8%) 11.091 (11,8%)	122 (14,5%) 20.294 (21,6%)	457 (54,3%) 50.152 (53,4)	147 (17,5%) 12.370 (13,2%)	842 greves 93.907 particip.
1929 (dados sobre todas as 735 greves, 100%)	64 (8,7%) 4.663 (7,1%)	65 (8,8%) 5.134 (7,8%)	514 (69,9%) 49.080 (75,0%)	92 (12,5%) 6.566 (10,0)	735 greves 65.443 particip.

**Fontes:** “*Sovershenno sekretno*”, vol. III: p. 112; vol. IV: p. 1023, 1024, 1026, 1027, 1029, 1030, 1032, 1033, 1035 e 1036; vol. V: p. 232, 307, 355, 413, 483, 556 e 584; vol. VI: p. 99; vol. VII: p. 160, 206, 256, 315, 376, 415, 455, 503, 544, 603 e 670; vol. VIII: p. 85, 139, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564 e 602.

Os trabalhadores não responsabilizaram automaticamente as políticas do Estado pelo declínio de sua posição econômica. As muitas divisões internas da força de trabalho (por fábrica, habilidade, idade ou gênero, entre trabalhadores urbanos e ex-agricultores recém-chegados etc.) foram exacerbadas na crise do período posterior à NEP. Por exemplo, a promoção de algumas poucas mulheres incitou o ressentimento entre certos trabalhadores especializados do sexo masculino. Um trabalhador de uma fábrica de metal laminado reclamou que haviam designado mulheres para operar máquinas e propôs que “se tomassem medidas para destituí-las”. Uma mulher comentou que “os maquinistas mais velhos não apoiam as mulheres, os trabalhadores especializados não têm pena de nós”.<sup>27</sup> Assim como os trabalhadores culpavam as trabalhadoras pelo declínio de sua própria posição, as trabalhadoras expressavam sentimentos igualmente hostis em relação aos trabalhadores rurais. Durante uma discussão sobre o aumento do desemprego feminino, em maio de 1928, representantes do sindicato culpavam o enorme fluxo de trabalhadores vindos do campo. As 146 mulheres presentes atribuíram o crescente desemprego à “chegada da população rural” e aprovaram a resolução de “parar de admitir os desempregados que chegavam da vila, exceto os tra-

---

<sup>27</sup> Reunião da fábrica de metal laminado, 2 de outubro de 1928, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 795, ll. 22, 29-31.26.

balhadores sazonais”.<sup>28</sup> O período posterior à NEP também testemunhou um significativo aumento do antissemitismo entre a classe operária. Em 1926, o Comitê Central do Komsomol aprovou uma resolução para combater “um recente fortalecimento do antissemitismo entre os jovens” e admitiu que “uma atmosfera antissemita havia penetrado as fileiras [do Komsomol] de forma acentuada”. No verão de 1926, o relatório do Comitê de Informação de Moscou já incluía uma seção regular sobre o antissemitismo, demonstrando a preocupação de que era “possível observar recentemente um acréscimo no sentimento de antissemitismo que encontra ressonância entre diferentes grupos de comunistas”.<sup>29</sup>

A divisão mais aparente dos trabalhadores soviéticos, no entanto, era entre as fábricas. Embora a maioria dos operários permitisse que os sindicatos resolvessem disputas com a gerência nos últimos três anos da NEP, aproximadamente 280 mil trabalhadores preferiram passar ao largo dessas agremiações para organizar suas greves. No entanto, o nível de solidariedade entre as fábricas, e mesmo dentro de cada

---

<sup>28</sup> Reunião de mulheres, 13 de maio de 1928, TsMAM, f. 176, op. 2, d. 810, ll. 51-52.

<sup>29</sup> Debate e resolução do Comitê Central do Komsomol sobre o antissemitismo, 28 de outubro de 1926, Centro de Documentação sobre Organizações de Jovens, Moscou (Tsentr khraneniia dokumentatsii molodezhnykh organizatsii, aqui designado TsKHDMo), f. 1, op. 23, d. 564, ll. 2-4, 35; relatórios do comitê de informação de Moscou, de maio até o início de outubro de 1926, RGASPI, f. 17, op. 85, d. 66, l. 62, d. 67, ll. 27, 36-37, 88.

uma delas, havia caído consideravelmente. Enquanto no início da NEP a média de participantes foi de quase quatrocentos por greve, em 1927 as paralisações envolveram em média apenas 89 funcionários. Quase todas as greves foram limitadas a uma fábrica e duraram um dia ou menos.

Três greves na Serp i Molot ilustram a dinâmica das paralisações de fábricas específicas no período tardio da NEP. Em 15 de novembro de 1926, setenta fundidores e cortadores da fábrica de fundição organizaram uma greve “italiana” (*italianka*, ou operação-tartaruga) de duas horas e meia depois que a gerência decidiu que eles deveriam pagar pelos produtos defeituosos (*brak*). Os trabalhadores, alegando que a gerência não tinha o direito de penalizá-los com base no acordo coletivo, pararam de trabalhar às 7h30 da manhã. Os comunistas da fábrica “pouco fizeram para interromper a greve e adotaram uma atitude passiva, exceto o secretário da célula, o representante do sindicato e um trabalhador do partido”. A RKK pôs fim à paralisação ao ficar do lado dos trabalhadores e ordenar que a gerência “mudasse temporariamente o sistema de pagamento, voltando ao método antigo”.<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Relatório do comitê de Moscou, 20 de novembro de 1926, Arquivo Central de Documentação sobre Movimentos Sociais de Moscou (Tsentral’nyi arkhiv obshchestvennykh dvizhenii Moskvyy, aqui designado TsAODM), f. 429, op. 1, d. 62, ll. 13-15; relatório do comitê de Moscou, 10 a 12 de novembro de 1926, TsAODM, f. 429, op. 7, d. 53, l. 149, d. 56, l. 74; “*Sovershenno sekretno*”, vol. IV, p. 832.

Uma greve em janeiro de 1927 teve como motivo aparente a falta de aquecimento na fábrica, mas na realidade estava centrada no pagamento de salários. Os trabalhadores insistiam em receber compensação pelo trabalho realizado no feriado, mas a administração argumentava que não tinha dinheiro e que o pagamento seria distribuído no décimo quinto dia do mês. No meio da manhã do décimo quarto dia, cerca de 35 trabalhadores (incluindo membros do partido) declararam que não podiam trabalhar por causa do aquecimento inadequado. O opositor Zhirov e outros trabalhadores foram ao escritório da fábrica para explicar a situação. O presidente e outro membro do comitê da fábrica entraram então no local e perguntaram aos trabalhadores que não pertenciam ao partido se seria possível trabalhar. Os trabalhadores parados apontaram para um grupo que incluía membros do partido e disseram: “Como eles” – o que significava que aquela ação havia sido sancionada, já que eles apenas seguiam orientações. Membros do sindicato sugeriram a transferência dos trabalhadores, como era determinado pelo acordo coletivo, mas os trabalhadores se recusaram a ser transferidos e voltaram a trabalhar às 14h30. Líderes do partido observaram que, “infelizmente, parece que os líderes dessa paralisação são os membros do partido Zhirov e Koptev” e fizeram uma advertência, mas nenhum dos afiliados ao partido que participaram da ação foi expulso.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Relatório de fábrica, set. 1927, TsAODM, f. 429, op. 1, d. 62, ll. 40-41.

Na reunião seguinte da célula da fábrica, vários membros do partido questionaram seus líderes. Um deles protestou contra a ideia de que eles haviam furado a greve. “Era impossível trabalhar. Se os trabalhadores não trabalharam, mas os membros do partido sim, isso não estava certo”, afirmou ele. Além do mais, esse mesmo integrante argumentou: “Camaradas específicos não devem ser culpados. A decisão da administração da fábrica está errada”. Outro membro argumentou que tinha havido “muitas paralisações” na fábrica, o que indicava que greves curtas sobre questões específicas nunca foram comunicadas aos líderes do partido da fábrica, muito menos ao Comitê do Partido Comunista em Moscou. Contudo, foram os canais oficiais do sindicato, e não a repressão estatal, que deram fim a essas disputas. É significativo que um opositorista – que o Estado teria rotulado de “contrarrevolucionário” alguns meses depois – tenha sido um dos líderes da segunda greve e não fosse expulso, muito menos preso.<sup>32</sup>

Em ambas as greves na Serp i Molot no inverno entre 1926 e 1927, os trabalhadores entenderam os detalhes do acordo coletivo. Na primeira, perceberam que a gerência havia ultrapassado os limites do contrato e acreditavam, com razão, que a poderosa RKK ficaria do lado deles. A segunda foi mal planejada em termos da letra do acordo coletivo. Em

---

<sup>32</sup> Reunião da administração da fábrica, 9 de fevereiro de 1927, TsAodM, f. 429, op. 1, d. 57, ll. 117-118.

ambos os casos, membros do partido foram passivos ou apoiaram ativamente as ações, e a participação do partido deu certa legitimidade às paralisações. Nas duas greves, os representantes do sindicato entenderam que sua tarefa era resolver a questão o mais depressa possível, mas não eram apenas marionetes da gerência: todos os envolvidos reconheciam a importância do acordo coletivo. A análise da investigação oficial sobre a greve revela a seriedade com que o partido via a atividade grevista. Ainda assim, membros do partido se viram em um papel contraditório, tentando ser fiéis à agremiação e aos líderes do chão de fábrica em um momento no qual a política estatal se afastava dos interesses dos trabalhadores de forma decisiva.

Uma greve na fábrica de parafusos, no início de 1928, convulsionou a organização do partido. O secretário da célula lembrou aos membros partidários que, no caso de conflito, era necessário seguir os canais adequados. Um dos integrantes questionou essa noção com um ataque: “O comitê da fábrica é culpado pela greve porque não prestou atenção às demandas dos trabalhadores nos cinco meses anteriores”. Um relatório detalhado sobre a paralisação e o humor dos trabalhadores mostra que sessenta operadores de prensa pararam de trabalhar durante uma hora e meia por insatisfação com o pagamento por produção. Depois que o assistente do diretor explicou a eles que os pagamentos seriam priorizados no próximo acordo coletivo, todos os operadores volta-

ram a trabalhar. O partido organizou uma comissão para investigar a greve e convocou uma reunião para 18 de fevereiro. Três dias antes, a gerência decidiu demitir um dos líderes da greve, Stepanov, com o pretexto de que ele havia se recusado a passar para outra prensa. Um membro da comissão sugeriu adiar a demissão de Stepanov “porque os trabalhadores poderiam interpretar isso como uma retaliação contra os líderes do conflito”. A administração negou, e Stepanov recebeu seu pagamento por demissão no dia da reunião. Sessenta pessoas – mas apenas dez entre oitenta comunistas – participaram da reunião extraordinária da fábrica. A sessão, orquestrada pelos legalistas, conseguiu controlar a hostilidade que fermentava. Embora os trabalhadores tentassem resistir à demissão de um dos líderes da greve, simplesmente não tinham confiança para assumir o controle da reunião e resistir à vitimação, como teriam feito no período inicial da NEP:

Os trabalhadores que se pronunciaram responsabilizaram apenas o comitê e a administração da fábrica pela paralisação. Um candidato a membro do partido justificou a paralisação e ameaçou repetir a greve se as muitas deficiências da fábrica não fossem sanadas (como a ventilação, por exemplo). Os trabalhadores ouviram os discursos do diretor e do secretário da célula, mas sem aprovação. Escrevi a minuta da resolução com três pontos principais: 1) admissão de que trabalhadores escolheram o caminho errado para resolver o confli-

to; 2) investigação minuciosa do comportamento dos membros da RKK em relação às reclamações dos trabalhadores; 3) reexame do pagamento por produção.

Essa resolução não teve um único voto a favor. Muitos trabalhadores se pronunciaram e disseram que a resolução havia julgado o comportamento deles de forma incorreta. Inúmeros enfatizaram que a demissão de Stepanov era a resposta das organizações da fábrica às demandas justas dos trabalhadores. O secretário da célula da fábrica e o representante do sindicato, que conduziam a reunião, não ajudaram a mudar o clima e pioraram a situação. Alguns dos trabalhadores tentaram votar para decidir se a demissão de Stepanov era correta, mas conseguimos evitar a votação.<sup>33</sup>

Com algumas exceções, especialmente entre trabalhadores sazonais e da indústria têxtil, os operários soviéticos fracassaram em construir organizações trabalhistas independentes para resistir à ofensiva estatal. Os operários da Serp i Molot que não pertenciam ao partido frequentemente esperavam que dissidentes partidários e do sindicato assumissem a liderança e promovessem mudanças no sistema da fábrica. Essa esperança de reformas explica o fracasso dos trabalhadores em construir novas redes independentes para fazer frente às políticas estatais cada

---

<sup>33</sup> Reunião do partido na fábrica de parafusos, 15 fevereiro de 1928, TsAODM, f. 429, op. 1, d. 84, l. 101; relatório secreto do partido por R. Novin, 18 de fevereiro de 1928. Ibid., ll. 135-138.

vez mais antitrabalhistas. Como as instituições patronais haviam reagido solidariamente às suas preocupações, era lógico que os trabalhadores achassem que poderiam pressioná-los a fazer o mesmo mais uma vez.

Se deixarmos de lado o paradoxo que era o Estado agir tanto como empregador quanto como defensor da classe operária, e a questão teórica mais ampla sobre a natureza do sistema soviético, o enfraquecimento do movimento dos trabalhadores soviéticos tem muitas características em comum com o recuo dos movimentos trabalhistas em geral.<sup>34</sup> Em primeiro lugar, os empregadores usaram o aumento do desemprego para arrancar concessões dos sindicatos e intimidar os trabalhadores. Em segundo, os sindicatos recuaram em muitos itens, cedendo à gerência em questões salariais e diversas outras. Os trabalhadores reagiram a esse recuo com reclamações de que seus sindicatos não defendiam seus interesses da forma adequada, mas continuaram como afiliados leais e a pagar as devidas taxas. Eles buscavam soluções para o declínio de suas condições por meio de reformas, na esperança de que pudessem pressionar os dirigentes sindicais. Em terceiro lugar, os trabalhadores começaram a culpar outros trabalhadores pela piora

---

<sup>34</sup> Por exemplo, ver o debate de James Green's sobre o recuo trabalhista nos Estados Unidos nos anos 1920 (James R. Green. "New Capitalism and Old Unionism in the 1920s". In Green *et al.* (orgs.). *The World of Worker: Labor in Twenty Century America*. Champaign: University of Illinois Press, 1980, p. 100-132).

de suas condições, aspecto comum num enfraquecimento geral da solidariedade. Em quarto lugar, em certas ocasiões, alguns trabalhadores decidiram ultrapassar os limites dos canais oficiais e organizaram greves sem a aprovação do sindicato, especialmente os trabalhadores sazonais, que recebiam salários mais baixos e estavam menos ligados à disciplina do contrato social.

Dados limitados indicam que o declínio da atividade grevista continuou durante a fase do Primeiro Plano Quinquenal em termos de número de paralisações, participantes e dias perdidos. Isso aconteceu durante o período de rápida expansão industrial: a classe operária mais que dobrou em apenas quatro anos, passando de 3.096 milhões de trabalhadores empregados em empreendimentos de larga escala em 1928 para 6.481 milhões em 1932, e os trabalhadores empregados em todos os setores da indústria saltaram de 4.339 milhões para 9.374 milhões.<sup>35</sup> Embora as 735 greves de 1929 mostrem que alguns trabalhadores continuaram a se engajar em ações coletivas, essa tendência entrou em claro declínio na segunda metade de 1929. A atividade grevista teve um pico em junho (119 greves com 15.634 participantes) e julho (120 paralisações com 7.555 participantes), mas diminuiu a cada mês depois disso: 106 greves em agosto, 69 em setembro, 48 em outubro, 32 em novembro e

---

<sup>35</sup> J. D. Davies e R. W. Barber. "Employment and Industrial Labour". In Davies *et al.* (orgs.). *The Economic Transformation, op. cit.*, p. 282.

19 em dezembro.<sup>36</sup> Embora fosse normal que a atividade grevista se acentuasse no meio do ano (20.025 trabalhadores participaram de paralisações em maio de 1925, 23.254 em junho de 1926, 14.097 em junho de 1927 e 12.243 em agosto de 1928),<sup>37</sup> a queda de 1929 parece ter sido mais permanente. Nos primeiros oito meses de 1930, os trabalhadores soviéticos só organizaram 147 greves com apenas 11.833 participantes e 13.279 dias perdidos.<sup>38</sup> Ainda não se sabe se essa tendência geral de queda continuou nos últimos meses de 1930 e em 1931 e 1932, embora o trabalho de Jeffery Rossman prove que houve uma renovada atividade grevista em 1931 e especialmente no início de 1932 entre trabalhadores do setor têxtil da região industrial de Ivanovo.<sup>39</sup>

A segunda característica proeminente da atividade grevista durante o Primeiro Plano Quinquenal, exposta na Tabela 5, é que os trabalhadores soviéticos mais desesperados e economicamente vulneráveis – os trabalhadores sazonais e as mulheres na indústria têxtil – apresentaram a resistência mais firme contra a ofensiva estatal no período. Em 1929, os *otkhodniki* organizaram 514 greves (69,9% do total) envolvendo 49.080 trabalhadores (75% de todos os participantes

---

<sup>36</sup> “*Sovershenno sekretno*”, vol. VII, p. 139, 173, 229, 279, 320, 365, 406, 478, 526, 564 e 602.

<sup>37</sup> *Ibid.*, vol. IV, p. 1026; vol. V, p. 556; vol. VI, p. 503.

<sup>38</sup> Murphy, “Strikes During the First Five-Year Plan”, artigo em produção.

<sup>39</sup> Jeffrey J. Rossman. *Worker Resistance under Stalin*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

em greves). De fato, sem a contínua militância dos trabalhadores sazonais, o número de greves em 1929 (221) teria sido comparável àquele dos primeiros anos do século, e o número de participantes (16.353) teria sido mais baixo que em qualquer outro ano. Depoimentos indicam que os *otkhodniki* continuaram a ser os grevistas mais numerosos em 1930. Ao longo de vinte dias, em outubro, trabalhadores sazonais organizaram 37 greves com 2.772 participantes, a maioria (31 paralisações) organizada entre trabalhadores da construção.<sup>40</sup> As mulheres que trabalhavam na indústria têxtil também reagiram. O número de greves do setor têxtil aumentou de 65 em 1929 para 92 em 1930, embora a maior paralisação tenha envolvido apenas seiscentos operários e durado trinta minutos, já que as greves continuavam curtas (1,46 dia por paralisação para todas as greves soviéticas em 1929).<sup>41</sup>

Apesar dessa tendência de queda, dados limitados sugerem um aspecto mais politizado da atividade grevista ao longo do Primeiro Plano Quinquenal. Trabalhadores entraram em greve 66 vezes em 1929 tendo em pauta a alimentação, e quatro vezes em outubro, sobre a implementação da semana de trabalho contínua. Nos primeiros oito meses de 1930, 31 greves foram provocadas por alimentação inadequada. Um

---

<sup>40</sup> Murphy, “Strikes During the First Five-Year Plan”, artigo em produção.

<sup>41</sup> Elena Osokina. *Our Daily Bread*. Nova York: Routledge, 2000, p. 53, 92 e 94.

relatório feito para Stálin e Lazar Kaganovitch em abril de 1932 mostra que, quando o fornecimento de comida continuou a piorar, os operários da fábrica Smychka, na Ucrânia, e em outra fábrica em Borisov, em Belarus, entraram em greve por não receber suas rações. Em 7 de abril de 1932, trabalhadores da fábrica Alapaevskii, nos Urais, também entraram em greve e marcharam até o comitê do partido na cidade (*gorkom*) e exigiram pão: “Nossas famílias estão passando fome e não conseguimos ficar de pé”.<sup>42</sup>

O estudo de Rossman sobre os trabalhadores da indústria têxtil de Ivanovo ilustra a dinâmica potencialmente explosiva da atividade grevista. O número de greves sofreu uma queda dramática, passando de 25 ações com 3.084 participantes, em de 1928, para apenas seis no ano seguinte, com 153 grevistas. Ele atribui esse declínio à intensificação da ameaça de desemprego e ao aumento da presença da OGPU, que tinha em mira os líderes. Mas a expansão da indústria têxtil, somada à rápida deterioração do fornecimento de alimentos, encorajava cada vez mais os trabalhadores do setor, e o número de greves subiu para 55 em 1930 e 116 em 1931. Em abril de 1932, 20 mil trabalhadores em seis cidades da região industrial de Ivanovo estavam envolvidos em ações grevistas militantes por vezes violentas. De forma brilhante, Rossman detalha tanto a marcha da fome de Teykovo quanto a greve geral e a revolta de Vichuga, que mostram

---

<sup>42</sup> GARF, f. 5451, op. 42, d. 250, ll. 17.

um alto grau de organização e determinação entre os trabalhadores, apesar dos incríveis riscos.<sup>43</sup>

Embora se desconheça a real extensão da atividade grevista soviética em 1931 e 1932, é improvável que os historiadores repentinamente descubram uma ação operária tão disseminada em outras regiões. O que explica o nível extraordinário de militância em Ivanovo? Rossman apresenta o convincente argumento de que três fatores fizeram com que a região fosse “o epicentro da resistência trabalhista à revolução de Stálin”. Primeiro, as duras condições da indústria têxtil exigiam mais dos trabalhadores que outras indústrias. Segundo, a maior proporção de mulheres no chão de fábrica acarretava mais greves, porque elas eram muito mais afetadas pela falta de alimentos e pela carga de trabalho pesada, e também porque “tinham mais liberdade que homens para se engajar em atos de protesto” sem risco de demissão ou prisão. Terceiro, a excepcional estabilidade da força de trabalho significava que as tradições e os procedimentos para defender os interesses dos trabalhadores persistiam entre os veteranos da região.<sup>44</sup> Eu acrescentaria um quarto fator: os trabalhadores de Ivanovo estavam entre os mais atuantes em meados da vigência da NEP, e seus repetidos comentários em denúncias aos representantes do sindicato indicam que o “contrato social” da NEP nunca reverberou entre eles

---

<sup>43</sup> Rossman. *Worker Resistance Under Stalin*, *op. cit.*

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 233.

como entre outros trabalhadores. Uma tradição de militância e de redes de oposição parece ter persistido ao longo da NEP e desempenhado um importante papel nas ações de greve do Primeiro Plano Quinquenal.

Os líderes soviéticos tinham plena consciência das implicações de possíveis rebeliões de trabalhadores em Moscou e Leningrado e implementaram medidas profiláticas para evitá-las. Enquanto a situação se deteriorava em 1932, Moscou recebia suprimentos adicionais, logo seguida por Leningrado. Na primeira cidade, relativamente mais próspera, os trabalhadores da indústria pesada tinham privilégios especiais e recebiam rações regulares duas vezes por mês. Como observou Elena Osokina, “o politburo supervisionava o fornecimento de Moscou e Leningrado, e só relaxou as normas para os trabalhadores industriais das capitais como último recurso, depois de cortar a ração de todos os outros grupos da população”.<sup>45</sup> Embora o número de grevistas presos durante o Primeiro Plano Quinquenal ainda seja desconhecido, os acontecimentos na Serp i Molot mostram que a coerção e a repressão no sentido amplo – incluindo o uso estratégico da alimentação como arma disciplinar – estavam muito presentes, embora a rotatividade dos trabalhadores e o fortalecimento das divisões internas da força de trabalho também tenham se evidenciado.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> Osokina. *Our Daily Bread*, op. cit., p. 39, 63, 77 e 91.

<sup>46</sup> Murphy. *Revolution and Counterrevolution*, op. cit., cap. 6.

Mesmo que ainda haja algumas lacunas em nosso entendimento da atividade grevista soviética durante a NEP e o Primeiro Plano Quinquenal, os parâmetros básicos podem agora ser averiguados com maior confiança. No início da NEP, as crescentes expectativas dos trabalhadores e a memória coletiva da organização e da militância levaram à disseminação das ações de greve, especialmente quando a administração deixou de pagar os salários em dia. Embora houvesse casos de grevistas presos pelas autoridades e de demissões (ou ameaças de demissão), a reação normal do Estado era acomodar e negociar, não reprimir. Em 1925, com uma moeda mais estável e acordos coletivos regulares, com procedimentos significativos para lidar com as queixas, o Estado soviético e a classe operária negociaram um “contrato social” que teve sucesso em evitar ações de greve. Esse compromisso foi se desgastando no período posterior à NEP, à medida que a produtividade e as campanhas de corte de gastos passaram a ser priorizadas, em detrimento dos interesses materiais dos trabalhadores. Embora alguns operários tenham passado ao largo da organização sindical e entrado em greve nessa época, a vasta maioria continuou a levar suas queixas aos sindicatos. É mais problemático explicar o continuado declínio da atividade grevista durante o Primeiro Plano Quinquenal, quando os sindicatos desistiram até mesmo de fingir que defendiam os interesses dos trabalhadores. Apesar de os trabalhadores sazonais e a indústria têxtil terem continuado a entrar em greve nesse

período, outros setores da classe operária em grande parte não entraram. O uso estratégico da alimentação como arma disciplinar, a intensa rotatividade e as crescentes divisões internas entre os trabalhadores parecem ter contribuído para esse declínio. Novas pesquisas sistemáticas e comparativas ainda se impõem para o período do Primeiro Plano Quinquenal.

KEVIN MURPHY é professor de História da Rússia na Universidade de Massachusetts, em Boston, nos Estados Unidos. Em 2005, seu livro *Revolution and Counterrevolution – Class Struggle in a Moscow Metal Factory* (Berghahn Books), recebeu o Isaac and Tamara Deutscher Memorial Prize, sendo destacado como publicação em língua inglesa que exemplifica o melhor da nova escrita crítica dentro da tradição marxista.